

o foco essencial

O vínculo estreito entre design e qualidade de vida esteve esquecido durante algumas décadas em que predominaram enfoques estéticos na avaliação de objetos, projetos gráficos e ambientes. A mídia e o status quo privilegiavam a experimentação de linguagens como o aspecto mais importante da atividade. Hoje se dissemina uma mudança de visão. Muitas iniciativas têm instigado o entendimento de que a verdadeira missão do design é melhorar a vida das pessoas que usam as coisas tangíveis e intangíveis que os designers projetam. Ou seja, o que conta é o quanto o projeto em questão ajuda as pessoas em geral – não apenas uma elite com alto poder aquisitivo – a terem um dia a dia melhor.

Muitas universidades passaram a reforçar essa compreensão. Três se destacam nessa busca: a Pontifícia Universidade Católica, no Rio de Janeiro; a Eindhoven Academy, na Holanda; e o Royal College of Art, no Reino Unido. Começo pelas internacionais.

Dentro do Royal College of Art, o Helen Hamlyn Centre for Design se sobressai por sua pesquisa em torno do design inclusivo, definido como o processo de projetar produtos, serviços e sistemas para o máximo benefício do maior número de pessoas. Tive a oportunidade de conhecer um pouquinho sua atuação, desenvolvida em três laboratórios de investigação: Cuidados de Saúde, Trabalho e Cidade, e Idade e Habilidade. O primeiro estuda desde projetos de ambulâncias mais funcionais, agradáveis e econômicas, até aplicativos para o celular que melhorem a relação de pacientes com centros de saúde. Trabalho e Cidade se dirige ao design nos espaços públicos, tema que já temos abordado nesta coluna. Idade e Habilidade confronta a problemática de como o design pode dar respostas à questão do envelhecimento das sociedades. Um de seus projetos de maior impacto, que deve sair às ruas ainda em 2016, é o re-design dos táxis de Londres para atender melhor a passageiros e motoristas de todas as idades e habilidades (menor ou maior grau de dificuldade de locomoção, visão, audição etc.).

A Eindhoven Academy possui um departamento chamado Man and Well-Being (“homem e bem-estar”), que desenvolve maneiras de fazer com que seus alunos projetem “coisas, ambientes e experiências” que permitam que as pessoas tenham “cabeça fria e coração quente” – uma bela abordagem, que integra os pontos de vista “físico e emocional, prático e poético,

individual e social” no projeto. “Um olho vê, o outro sente”, prega o site da universidade. Algumas visitas que fiz ao campus naquela pequena cidade mostram um ambiente todo voltado para a liberdade projetual e o estímulo a uma visão claramente humanista.

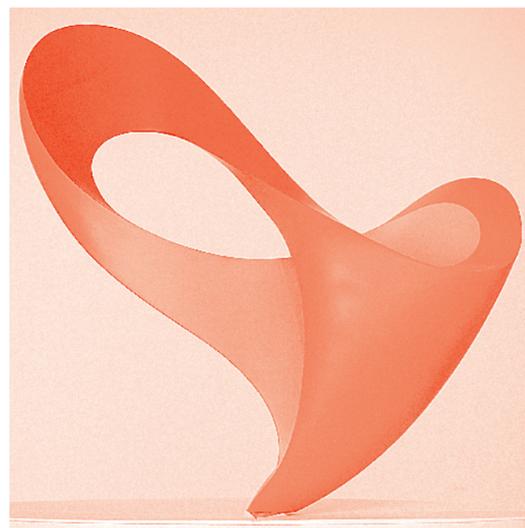
Já a PUC-RJ é, até onde sei, a pioneira no desenvolvimento de ações sistemáticas de incorporação de questões como sustentabilidade e design universal na formação de seus alunos. Uma de suas ações mais consistentes é a parceria, há mais de 20 anos, com o Centro de Vida Independente do Rio. Várias iniciativas da universidade reforçam a necessidade de se projetar considerando as diferenças entre os indivíduos. A universidade é berço de designers como Mana Bernardes, que sempre nos surpreende com seus projetos estreitamente ligados a uma visão holística do ser humano, e que trata com igual esmero a elaboração de uma linha de vidros e de uma comida saudável para servir nos seus eventos. Ou como Fred Gelli, o maior porta-voz no Brasil da biomimética, ciência que estuda os modelos da natureza e se inspira neles para resolver os problemas humanos.

Fred é um dos diretores da Tátil Design de Ideias, que ganhou a concorrência entre 139 empresas de todo o mundo para desenhar a estratégia da marca das Olimpíadas deste ano, no Rio, e depois foi contratada pelo Comitê Olímpico Brasileiro para desenhar a marca dos Jogos Paralímpicos. “Parece absurdo que, até 2012, o símbolo das Paralimpíadas só pudesse ser percebido com um único sentido, a visão. Os atletas cegos que participavam dos Jogos não sabiam como ele era. Isso mudou com a criação do símbolo dos Jogos Paralímpicos de 2016. Ele tem volume, vibra e emite som”, diz Fred.

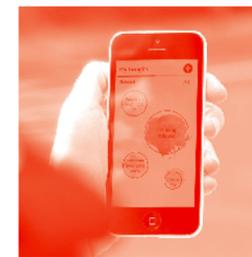
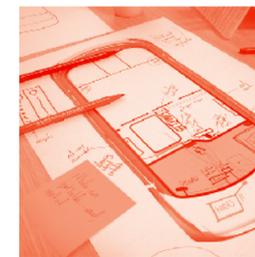
Estou curiosa para saber o que ele, Vik Muniz, Marcelo Rubens Paiva e Flávio Machado estão preparando como diretores artísticos das cerimônias de abertura e encerramento das Paralimpíadas no Maracanã, em setembro. Depois do fiasco e da cafonice das cerimônias da Copa do Mundo no Brasil em 2010, espero que eles encantem a audiência de possíveis três bilhões de pessoas com um espetáculo que contribua para uma maior aceitação da diversidade dos seres humanos, deficiências e imperfeições incluídas, o que certamente favorecerá a melhoria da vida de todos nós.

Adélia Borges é crítica e curadora especializada em design.

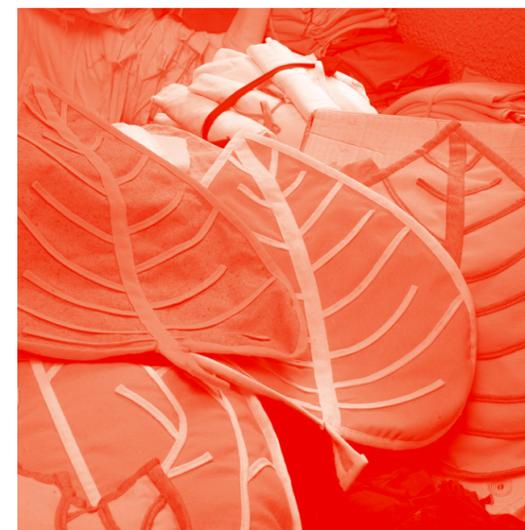
‘muitas iniciativas têm mostrado que a verdadeira missão do design é melhorar a vida das pessoas que usam as coisas tangíveis e intangíveis que os designers criam’



Por Adélia Borges
Fotos Mauro Kury, Vincent van Gurp, Sara Hibbert e divulgação



46



Inclusão e poesia

Nesta página, a partir do alto, projetos do Helen Hamlyn Centre for Design: re-design dos táxis de Londres e aplicativo Thinking Well, desenvolvido para o auxílio de terapias para a paranoia. Capas de almofada do História de Vida – Costura Unida, organizado por Mana Bernardes em Seropédica (RJ). Projetos de graduação do programa Man and Well-Being, sob direção de Ilse Crawford, na Design Academy Eindhoven. Na outra página, símbolo 3D das Paralimpíadas, que vibra e emite som, criado pelo Tátil Design, de Fred Gelli.